



O CHAFARIZ DO LARGO DO PAÇO NO RIO DE JANEIRO.

RIO DE JANEIRO.

3.º

A CAPITAL do imperio brasiliense tem uma particularidade de remota similhaça com a sua antiga mãipatria, Lisboa. Não fallámos dos improvisos com que durante a residencia da cõrte portugueza quizeram fazer do Rio de Janeiro uma cidade europea, mas sim de obra mais antiga, e de incalculavel utilidade. O Rio de Janeiro, ou cidade de S. Sebastião, tem, como a nossa capital, um aqueducto que lhe ministra aguas, com a differença de não ser tão grandioso e de constar de duas arcadas, comprehendendo a superior 42 arcos. Occorre alem disso a circumstancia de ser construido no reinado e por ordem do mesmo monarcha, que mandou edificar a obra magnifica das *aguas-livres*, como se vê da inscripção lapidar, gravada n'um dos arcos inferiores, que diz o seguinte = Elrei D. João 5.º, nosso senhor, mandou fazer esta obra pelo Ill.º e Ex.º Sr., Gomes Freire de Andrada, do seu Conselho, Sargento-Mór de batalha dos seus exercitos, governador e capitão general das capitánias do Rio de Janeiro e Minas-Geraes. Anno de 1750. =

Este aqueducto conduzia as aguas ao grande chafariz, chamado da *Carióca* por se chamar assim a antiga ribeira donde bebia a cidade, como se deprehende claramente do que a esse respeito escreveu Gabriel Soares de Sousa. Porem não abastando um só chafariz uma povoação, que diariamente crescia, por carta regia se ordenou que se edificasse outro, o que se realisou, e foi construido com bastante arte. É o que a estampa representa; tem a vantagem de ficar ao pé do mar e de facilitar as aguadas dos navios, por meio de canos que as levam ás lanchas: está situado n'um terreiro de perto de tres mil braças quadradas d'extensão. Monsenhor Pizarro nas suas *Me-*

Tom. IV. Agosto 1 — 1840.

*morias historicas do Rio de Janeiro* traslada as inscripções que nesta fonte se pozeram.

O aqueducto, que o viajante D'Orbigny, no seu livro da America escripto em 1836 apellida *obra formosa*, depois de atravessar uma floresta vem ter a St.ª Theresa com inclinação demasiado rapida; soterra-se e passa pela arcada de dois andares, de que fallámos, indo parar á mãi-d'agua ao pé do convento de St.º Antonio, donde partem os canos de distribuição para os chafarizes da cidade, entrando o da nossa gravura, situado no caes e em frente do palacio imperial: D'Orbigny o qualifica de mais notavel entre os do Rio de Janeiro. O paço é o antigo dos vice-reis, pegado ao convento dos carmelitas por meio de passadiços, mal distribuido e na verdade bastante acanhado para uma cõrte imperial.

Apesar de se terem aproveitado para o aqueducto novas vertentes, mister é confessar que ainda não estão os chafarizes convenientemente distribuidos e accomodados ás precisões da população, que o avultado commercio tem feito augmentar; convirá portanto estabelecer em paragens opportunas algumas novas fontes.

O Rio é hoje uma das capitaes em que se vive com muito dispendio por carestia de generos e mais cousas necessarias ao passadio e vida social: o augmento rapido da população em comparação do progresso da industria agraria faz com que alguns d'aquelles generos estejam cinco vezes mais caros do que eram ha vinte annos.

Em geral a cidade é bem governada, e bem estabelecidas posturas da camara municipal conservam a ordem e a limpeza.

A industria fabril não tem augmentado como devia esperar-se; sendo alem disso em grande parte exercitada por estrangeiros. No *Saco do Alferes* estabeleceu-se no anno passado uma fabrica de vidros por

conta de uma companhia: parece que se diligencia a melhorar outros ramos industriaes. O conde de Gestas, hoje fallecido, na memoria que apresentou á sociedade auxiliadora da industria nacional em 6 de Novembro de 1836 queixava-se de que o fabrico do assucar não tivesse o adiantamento, que os esforços de pessoas distinctas e illustradas deviam dar-lhe, e depois d'algumas observações, exprime-se por esta maneira. — «O que muito atrasa o Brazil é sem duvida a falta de directores dos trabalhos campestres e mechanicos, que possuindo alguma instrucção queiram sujeitar-se a dar-lhes a conveniente direcção, não despresando mesmo o tomar manualmente parte nelles, quando a necessidade o requerer.» — Parece que pelo respeito a cultura da cana ha conhecida melhora, porque a vulgarisação do uso do arado, que Fr. José Marianno Velloso tinha no principio deste seculo recommendado em seus escriptos, tem aproveitado muito áquella lavoura: as machinas de vapor e as moendas de ferro beneficiaram grandemente a pressão do succo: mas quanto á applicação do calorico de modo que se economise o combustivel, com prompto e feliz resultado, e á maneira de seccar as fôrmas do assucar, por causa da má construcção das estufas ha muito que remediar. Estas ultimas operações do fabrico devem ser progressivamente reformadas, e cremos que os proprietarios habeis se não descuidarão de obter, por methodos aperfeiçoados, prosperos e maiores resultados.

Pelo que diz respeito ao café e á mandioca póde com verdade affirmar-se que não está o Brazil atrasado na sua cultura e preparação: o primeiro genero, agricultado no Rio, é superior ao de outras partes, talvez em rasão da bondade do terreno.

O algodão é uma das grandes riquezas do solo brazileiro; a sua cultura porem não é frequente na provincia do Rio de Janeiro; e parece que os brazileiros tendo esta preciosa materia prima se deviam esmerar em fabricar com ella tecidos, que os isentassem, ao menos em parte, de importarem fazendas para vestuario que com seus proprios materiaes outras nações lhes preparam.

A industria do hortelão e do jardineiro tem-se aperfeiçoado, e capitães de navios temos por ahí que se espantariam se vissem hoje na capital brasiliense as hortaliças que não ha muitos annos escaceavam ou totalmente faltavam. Comtudo na creação das aves domesticas e em outros ramos da economia rural ha ainda o mesmo desleixo e atrasamento que lamentamos em muitas e fertes povoações do nosso reino.

O cortume dos couros tem-se aperfeiçoado por meio de machinas, e com estas se cortam as folhas do mangue de que lá usam para o curtimento das pelles. Quanto aos animaes, que auxiliam o homem no transporte das mercadorias e aos meios de as transportar notam-se muitas imperfeições. Não é este objecto para se despresar; e o melhoramento dos carros, a fim de poupar as forças dos brutos que se empregam em quotidiano serviço, e o estabelecimento d'escolas veterinarias para ensinar a trata-los e cura-los, são tão essenciaes que nunca de sobejo se inculcarão. É porem necessario que as vias do transito, as estradas e caminhos, sejam construidas segundo os preceitos da moderna arte que em todos os paizes tem applicações, ainda que segundo particulares circumstancias devidamente modificadas. Baldados seriam os esforços para melhorar as machinas se as fizessem rodar por trilhos desiguaes, inconsistentes, asperos, e imperfeitissimos no systema de sua construcção. Igualmente requer na cidade de que tratamos consideravel melhoramento a construcção dos edificios.

Ha no Rio tres importantes estabelecimentos de

fundição de ferro e cobre que pertencem aos Srs. Ferrer, Paris e Parot, e Fleury, e que parece serem francezes de nação. Outra fabrica notavel é a do Sr. Motta que abrange o tirar fio d'ouro e de prata, e o fabrico de tecidos de seda. Assim ha outros estabelecimentos industriaes, de maiores, ou de mais inferiores resultados; podendo todavia concluir-se que a cidade do Rio de Janeiro ainda necessita de augmentar a sua industria, se é que outro mais importante ramo, o commercio, não absorve todos os braços com maior e mais geral proveito. E assim nos parece ser, por isso que onde ha fartura de productos agricolas para exportar, e ao mesmo tempo grande movimento commercial, pouco importa que venham de fóra muitos generos e objectos d'uso commum: é o cambio que recebemos da fazenda que vendemos, e por outra parte se o dinheiro nos sobra, fructo das nossas especulações mercantis, não falta com que comprar as cousas de que precisamos. Não ha de comtudo uma nação, por obter grandes vantagens no commercio, despresar absolutamente a manufactura dos objectos de primeira necessidade, ou ainda de outros de mero luxo, principalmente quando possuir as materias primas de que elles se fabricam.

#### MORAL.

(Fragmento de um livro inedito).

#### A Velhice.

POBRE velho! — assentado sobre o marco da estrada, com a cabeça calva exposta aos raios de um sol de Julho, elle estendia o chapéu roto e informe com a mão mirrada e trigueira, quando sentia passos de caminhante, e dizia com voz tremula e sem inflexões: *uma esmola ao cequinho pelo amor de Deus!*

Sem inflexões na voz, sem expressão no rosto, porque a alma do velho estava requeimada como o braço que estendia, desfolhada como a fronte nua em que lhe batia o sol!

Descubriendo tambem a cabeça, mas como envergonhado, olhei de roda, receoso de que alguém me visse, metti a mão no meu magro cincto de soldado, e reparti da pouquidade do pobre com o outro pobre.

Não sei como, escorregaram-me duas lagrymas pelas faces abaixo, e olhei de roda outra vez, examinando se por alli estaria alguém, em cuja cara se divisassem signaes de ser pessoa de bastante philosophia para se rir de mim.

Louvado Deus, que entre tantas qualidades ruins, de que a natureza não foi escaça comigo, tenho algumas excellentes, e tal é, alem d'outras, a de uma consciencia de tão fino tacto e tão sem cerimonia que apenas digo ou faço uma parvoice, a sente e expõe com admiravel clareza, e convincente logica, de modo que sempre tem a habilidade de me fazer titubear, e quasi sempre a de me fazer confessar com exemplar humildade que sou um solemnisimo tolo. Foi o que me succedeu desta vez.

“Que tens tu que te vejam [dizia essa voz sem som e com palavras, que todos tem ouvido, ao menos uma vez na vida] que tens tu que te vejam descobrir a cabeça diante d'um velho cego, que te trouxe á memoria teu pai; que te vejam escorregar pelas faces duas lagrymas de saudade? Se houvesse ahí vergonha seria para aquelle que de ti se risse, sem saber o que te ia pelo coração.”

Acceitei com paciencia christã o *monitum ad lectorem* da consciencia.

“Seja pelo amor de Deus! — Padre nosso, que estais nos céus, sanctificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como nos céus:” — dizia o cego, conduzindo os dez réis da esmola, pelos meandros e viravoltas do esfarrapado gibão, para a algibeira do repouso.

Uma balla defensora do altar e do throno colha pelo toutigo este infimo voluntario de D. Maria, e apagado tenha de ser o nome glorioso desta fracção-sinha da hoste liberal no livro mestre do batalhão, se ao cego passa agora pela cabeça o divino auctor daquella poetica e singela oração, que alli vai repetindo, tão machinalmente como estende o chapéu, e diz: *uma esmola ao ceguinho pelo amor de Deus!*”

Foi o que eu pensei, quando ouvi aquella retribuição do beneficio. Era o pensamento truanesco que reagia contra o sentimento doloroso e sancto da saudade filial: a reflexão que escarnecia do coração, o mau principio que fazia uma visagem ao bom. Aposto que se o demonio fosse cousa *tangivel*, e eu tivesse naquelle momento levado rapidamente a mão ao lado esquerdo da cabeça, teria catrafilado o meu anjo mau em acto de tentação flagrante.

Interrompi a oração official do mendigo, perguntando-lhe, se não tinha mulher, filho, ou filha; se não tinha ninguem neste mundo: — respondeu-me que uma e outros tivera, e já não tinha alma viva a quem elle importasse: — Dizendo isto acabou o seu padrenosso.

Era como o pinheiro que campeava sosinho no outeiro contiguo, de roda do qual se viam sair da terra os restos dos tóros d'outros, que ali tinham deixado ao derruba-los, e que eram mais delgados que o tronco robusto do que ainda saudava todos os dias com o rugido de suas ramas o nascer, e o pôr do sol.

Pobre velho! — dizia eu comigo, seguindo avante, em quanto o cego escutava, com a cabeça pendida para o lado opposto da estrada, esperando viesse mais algum caminhante, a quem repetisse o seu immutavel peditorio: *uma esmola ao ceguinho pelo amor de Deus!* —

Ha tres generos de compaixão no mundo. O primeiro é o da compaixão hypocrita, que toma certo ademan abeatado e caridoso, certas palavras mellifluas, certa piedade esteril, que o mundo leva em conta sobre tudo, mas que Deus lança na folha do debito do livro divino da condemnação e salvação eternas de cada um de nós.

O segundo é o da compaixão philosophica: esta é a que indaga as causas da miseria dos individuos, e dessas indagações faz um livro ou um capitulo de livro, mui eloquente, mui profundo, mui cheio d'alvitres, excellentes, philanthropicos, e inexequiveis, que virado, podado, ageitado, e arrebicado produzirá dois ou tres discursos em alguma camara legislativa, ou ornará pomposamente o introito dos estatutos de algum asylo de mendicidade, que durará seis mezes, e até um anno, com approvação universal. Chama-se a esta compaixão progressiva, illustrada, politica. Deus não a lança em parte nenhuma. Tem dó dessa pobre gente, que passou o amor do genero humano do coração para a cabeça, e por um esforço inaudito de talento lhe mudou o nome christão e intelligivel de caridade, para o scientifico e inintelligivel de philanthropia.

O terceiro genero de compaixão é o que ensina o Evangelho; é aquelle que nossas mãis nos ensinaram quando eramos pequeninos; é aquelle que attende tanto ao padecer do corpo como ao padecer do espirito; que, não como o primeiro, é parco de palavras e abundante de obras; não como o segundo, sente

mais e raciocina menos; é aquelle que mistura as lagrymas consoladoras com as lagrymas da desventura; que soccorre a familia sem a dividir e *classificar* por sexos e idades em diferentes redis, ou asylos, porque crê que o amor filial, materno e paterno, são os affectos mais sanctos da alma, e que o pão da esmola é amargo quando se recebe a trôco de recalcar e sumir no intimo do coração esses affectos. Esta compaixão abençoa-a Deus, e as obras que ella gera escreve-as no livro da vida para as receber como boa moeda, no dia da derradeira conta.

Taes eram as minhas reflexões ao affastar-me do pobre, e o espirito se me opprimia lembrando-me de que esse desgraçado devia ter padecido muito, quando visse irem cahindo ao redor de si mulher e filhos, e ficar só no mundo, onde apenas haveria raros que nelle conhecessem outra desventura, maior que a fome e a mendicidade material — a fome e a mendicidade do espirito; porque a compaixão hypocrita é a das multidões; a philosophica de poucos; a christã de raros. Raros são os que comprehendem o Evangelho.

E o velho dizia tranquillamente que já não tinha mulher nem filhos!

É que as dores fundas cauterizam as feridas que abrem. Quando este cauterio requeima assim um espirito vem a atrophia moral, a demencia tranquilla e mansa de um coração sem affectos. Então poucos males ha no mundo. São apenas os que percebem os sentidos.

Pobre velho! Olhei para traz e parei a contempla-lo. A face do homem é como o oceano. Quem vir este n'um dia de calma não imaginará qual é o seu aspectò nos dias de temporal. Era sereno o parecer do mendigo, como o de uma creancinha que dorme em seu berço, como o de um morto que dorme em seu sudario; porque tanto um como o outro tem o coração tranquillo; porque nem um, nem outro vive.

Vegetar não é viver. O velho vegetava apenas!

É talvez esta a maior das miserias humanas.

E eu tive dó do velho, como manda o Evangelho, condoendo-me das dores de espirito, que devia ter padecido, a ponto de lhe callejarem a sensibilidade.

Foi então que povoei de successos a sua vida passada. Quem sabe se a imaginação me disse mais verdade do que me diria a narração do mendigo! Novella, historia, qual destas duas cousas é mais verdadeira? Nenhuma, se o affirmarmos absolutamente de qualquer dellas. Quando o character dos individuos ou das nações é sufficientemente conhecido, quando os monumentos e as tradições, e as chronicas desenharam esse character com pincel firme, o novelleiro póde ser mais veridico do que o historiadore; porque está mais habituado a recompor o coração do que é morto pelo coração do que vive, o genio do povo que passou pelo do povo que passa. Então de um dicto, ou de muitos dictos elle deduz um pensamento ou muitos pensamentos, não reduzidos á lembrança positiva, não traduzidos, até, materialmente; de um factò ou de muitos factos deduz um affecto ou muitos affectos, que se não revelaram. Esta é a historia intima dos homens que já não são: esta é a novella do passado. Quem sabe fazer isto chama-se Scott, Hugo, ou De Vigny, e vale mais, e conta mais verdades que boa meia-duzia de bons historiadores.

Porque estes recolhem e apuram monumentos e documentos, que muitas vezes foram levantados ou exarados com o intuito de mentir á posteridade, em quanto a historia da alma do homem deduzida logicamente da somma das suas acções incontestaveis,

não póde falhar, salvo se a natureza podesse mentir e contradizer-se, como mentem e se contradizem os monumentos.

E por isso vi na idéa este velho, que mendigava agora, no tempo em que ou o trabalho de suas mãos, ou alguns bens da fortuna lhe produziam o necessario á vida: vi-o repousando na idade grave em morada tranquilla, rodeado de seus filhos, affagado, agasalhado pela amante da sua mocidade, pela amiga da sua idade viril, pela confortadora e arrimo da sua velhice. Vi-o depois só com seus filhos: já a morada do velho era triste; porque faltava ahí o amor da mãe, o carinho da companheira; já não havia lá quem accendesse a lampada diante da imagem da Virgem; quem nas penas se lembrasse, como primeiro remedio, de orar a Deus; quem admoestasse com lagrymas, quem consolasse com sorriso. Vi-o depois cego, achando ainda hombros a que arrimar-se, mãos que o guiassem, braços que lhe ganhassem o sustento, bocas que lhe dissessem quando o sol brilhava nos céus, e quando o toldavam as nuvens. Vi-o depois estender a mão para abençoar, e descer-lhe esta desanimada ao longo do corpo, porque se lembrou de que a lançava em vão sobre a terra que cubria as frentes de seus filhos; de seus filhos, que dormiam calladamente para nunca mais despertar!

E o pobre cego estava só na terra!

Quem o visse então assentado, á hora do meio-dia, no limiar da sua casinha erma, em formoso dia de inverno; quem o visse com os cotovellos fincados sobre os joelhos, e a cabeça entre os punhos, immovel como uma estatua, pensaria que o velho buscava reanimar-se á luz do sol, tão grato ao homem no inverno melancolico da vida, como o é ás plantas no da natureza; e todavia que importaria ao cego o calor do sol, quando a mão gelada do desespero lhe espremia o coração? — que lhe importaria o clarão dos céus limpos e serenos, se o corpo e a alma lhe jaziam na escuridão, como um condemnado nas trévas exteriores; se os olhos pelos quaes elle via estavam fechados debaixo da terra? — Immoavel e sem lagrymas, os homens vulgares passariam por elle, e não imaginariam por certo que o cego padecia; porque o vulgo só entende a menor de todas as dores, a que se revela por meneios confrangidos, e por soluços e choro: a dor que se mitiga com signaes exteriores, e com a qual essas almas communs gastam prodigamente o affecto mais sancto do coração humano — a piedade compassiva.

Embora! mas que guardais vós para essa dor que parece petrificar o espirito, que quebra as forças e o movimento, e estampa na frente do que vive e pensa a quietação do sepulchro?

Tenho ouvido muitas vezes uma expressão abominavel em si, abominavel pelo tom e gesto com que se diz; tom e gesto entre o sorrir e o dó; compaixão semelhante á que poderiam ter os demonios dos tractos eternos de um precíto. Ésta expressão se applica aos que, sumindo no coração toda a vida para a consumir no íntimo padecer, se esquecem dos males e gozos physicos, e dos homens e dos successos que os rodeam; aos que, enfim, perderam a consciencia de metade da vida, a existencia exterior, para a concentrar inteira no cancro incuravel que lhe lava na intelligencia.

É destes que se diz: “Pobre diabo! — Anda como parvo!”

E desses taes de quem dizeis isso, incertos entre o dó e o escarneo, sabeis quanta agonia, quanta procella, quaes trévas de futuro lhes vão lá dentro

da alma? Viste-los voltear mil vezes, por dilatada noite, em leito d’espinhos, soluçar e gemer ás horas em que os mais repousam, cabir no lethargo do canção, despertar nas ancias do pezadello phantastico e maldicto, em quanto os outros sonham, sorrindo, ambições e esperanças? — Viste-los na solidão da sua amargura, estorcer-lhes a dor do espirito os membros, como o redemoinho de vento estorce o vime da sébe? Viste-los baterem sobre a lagem fria do pavimento com a frente affogueada, e clamarem ao Senhor, e pedirem-lhe o trance da morte como um momento de refrigerio, e a anniquilação como um thesouro de felicidade?

Não! Viste-los quando a natureza exhausta cobre com o seu manto mortal o incendio que devora e devorará, talvez até o ultimo alento, essas existencias, cuja miseria excede muito todas as outras misérias humanas.

Que ninguem diga: *está tonto!* e sorria, quando vir um velho cego, como o meu, que perdendo mulher, filhos — tudo — no derradeiro quartel da vida, se foi assentar no marco da estrada, e tranquilamente estende o chapéu, e, sem inflexão na voz, sem expressão no gesto, diz ao que passa: — “uma esmola ao céguinho, pelo amor de Deus! —” É que essa alma foi queimada por um grande incendio!

Quando eu vejo um velho, em cujo aspecto se pinta certa tristeza indizível, em cujo olhar incerto se conhece, não o receio de descortinar o futuro, porem o terror de affigurar o passado; cujos labios sorriem sempre ao presente, ainda avesso e triste; quando eu o vejo responder com uma lagryma a recordações dolorosas, digo comigo: Oh desgraçado, desgraçado! — porque quiz a Providencia que esse coração semi-morto vertesse por tanto tempo sangue de suas feridas? Porque ha-de ser tua unica esperança a sepultura; tua melhor alegria o saber todas as noites que a eternidade acaba de descontar mais um dia daquelles que te estavam marcados no periodo da tua existencia?

Mas quando encontro um velho, por cima de cuja cabeça passaram muitas horas de amargura, muitas procellas da vida, e lhe descubro no rosto certa serenidade como a da frente de marmore de uma destas estatuas que jazem sobre os tumulos da idade média; quando o recordar-lhe uma grande desventura de outr’ora não acha echo lá dentro; quando para elle o passado, o presente e o futuro merecem a mesma indifferença gelada e medonha, então digo comigo: um morto porque andarás na terra?

É porque, tambem, uma harpa, cujas cordas estouraram todas, ahí fica até que o tempo a consuma. É porque as cinzas da antiga arvore do valle, abrazada pelo incendio, ahí ficam amontoadas até que as derrame o vento.

Mas o gemido das cordas que estallaram? — mas a intensidade do incendio? Eis o que tem para mim aquelle terror attractivo, que nos fascina e leva os olhos a escrutar um abysmo escuro, no fundo do qual se ouça um longo ruido.

D’ahi vem que a presença de um ancião sempre me attrahe e subjugua. Que é a vida interior do mancebo, que revela por tantos modos suas coleras e pezares, seu amor e alegria, seus temores e esperanças? Drama mysterioso, historia íntima só a ha no velho, que passou por todas as vicissitudes do existir, e que encerrou debaixo do sello de bronze de um aspecto impassivel as tempestades que rugem ou rugiram nas profundezas do seu espirito.

A mocidade é a ribeira, torrente no inverno arastando penedos nas aguas turbadas, regato no estio murmurando límpido entre os seixinhos. A ve-

lhice é o oceano, sereno na superfície em quanto os sorvedouros e correntes estrepitam debaixo desse dorso tranquillo, mas sem que ninguem saiba quando e onde ha calma ou ha tempestade, onde o seu fun-

do é de arêa, ou onde redemoinham as aguas por entre incognitos baixios.

Respeitae a velhice, como respeitais o oceano!

(A. H.)



BOADICEA, RAINHA BRITANNICA.

DURANTE o tempo que os romanos occuparam a Britannia ou Inglaterra, pouco mais ou menos sessenta annos depois do nascimento de Jesu-Christo governou aquelle paiz o general Paulino, reinando o tyranno e infame Nero. Toda a casta de violencias e rapinas, commettidas com insolencia e crueldade, experimentou não só esta porem as mais provincias do imperio. A Graã-Bretanha estava então dividida em varios estados, cujos principes por vezes se rebelaram contra o feroz procedimento dos romanos, mas eram logo submettidos pela pericia militar destes. No meio destes tumultos e desordens, Prasatago, de character benigno e tranquillo, governava pacificamente os povos icenios, tribu residente naquella parte da ilha, onde hoje são os condados de Norfolk, Suffolk, Cambridge e Huntingdon: vendo-se porem proximo á morte e querendo que sua mulher e filhos gozassem em paz a herança que lhes deixava, tomou o expediente de partir o seu reino, legando metade á sua familia, e outra metade ao imperador romano. Fallecido Prasatago e sabendo do testamento o general Paulino, mandou este tomar posse de todos os estados do defuncto sem attender ás disposições do testador. A rainha viuva, Boadicea, vendo-se e a seus filhos tão injustamente esbulhados do que por sagrados direitos lhes pertencia, queixou-se e reclamou a divisão do reino, como por seu marido fôra ordenada: mas as suas representações, em vez de lhe alcançarem justiça, desafiaram a colera e vingança iniqua

dos tyrannos intrusos. Boadicea foi injuriosamente maltratada em sua pessoa, e suas filhas victimas da ferocidade de soldados infrenes. Então indignados os icenios, tomaram armas, e o echo da rebellião ressoou por toda a ilha, até os mais pequenos estados se levantaram para ajudar Boadicea a tirar desforra do opprobrio que soffrêra, e ao mesmo tempo grangearem a liberdade propria, resgatando-se do pesado jugo de tão ambiciosos e sanguinarios inimigos. Aproveitando a oportunidade da ausencia de Suetonio Paulino, que estava nas Hebrides com suas legiões, os furiosos britannos determinaram acabar com os romanos, cahiram sobre elles quasi a um tempo e a matança foi geral e horrivel. Affirmam alguns historiadores que pereceram neste revez mais de setenta mil romanos de todas as idades. Paulino acudiu, o mais apressadamente que pôde, em soccorro dos seus compatriotas; e os britannos que o souberam reuniram os seus differentes exercitos, e por unanime consentimento elegeram Boadicea por commandante geral das tropas combinadas, que segundo Dion Cassio subiam a 230:000 combatentes. Paulino, desamparado pelo seu logar-tenente, Posthumio, reduzido a capitanear uns dez mil homens somente contra força tamanha, vio-se na alternativa, ou de encerrar-se n'alguma praça forte e resistir ao sitio esperando auxilios, ou de peleijar desesperadamente em campo aberto; escolheu por fim este ultimo partido e proseguiu em demanda dos inimigos. Chegaram á vista

os exercitos contrarios: temerosa era a multidão dos rebellados para os romanos, mas a disciplina militar tem obrado prodigios contra o numero crescido mas desordenado em porfiosas batalhas: Boadicea e os seus tinham valor, e confiavam na justiça da sua causa, porem infelizmente nem sempre estas duas qualidades n'uma contenda alcançam vantagem sobre a astucia e pericia de adversarios tambem valentes e ao mesmo tempo firmes, peritos no jôgo das armas, e emmestrados nos militares exercicios. Assim aconteceu neste combate, não obstante a grande desigualdade do numero: venceram os romanos. Debalde correu a infeliz Boadicea as fileiras, n'um carro armado e acompanhada por suas duas filhas, da maneira que a representa a gravura precedente, exhortando e incitando os defensores da liberdade britanica: pôde mais a disciplina que a multidão; e a infeliz viuva de Prasatago, espoliada dos seus estados, desbaratada na luta das armas, teve de pôr termo á vida com veneno para não ir acompanhar maneatada o carro triumphal dos soberbos vencedores.

## LISBOA.

## 6.º

JÁ temos dito que a maior prerogativa desta capital, alem da salubridade do clima, é a belleza da situação topographica; e, com effeito, das muitas eminencias que occupa se gozam magnificas, extensas e variadas perspectivas. Já vimos quão formoso painel se avistava da torre antiga do castello; agora colloquemo-nos no alto da Graça, que da mesma parte do oriente orla o profundo e comprido valle, que desde a beira do rio, começo da cidade nova, vulgô *baixa*, se prolonga para o norte e vai fenecer na base dos outeiros dos arrabaldes: entalado entre os seus dois visinhos, os morros do castello e da Senhora do Monte, na mesma direcção septentrional, mas um pouco mais recolhido, o adro da Graça pôde comparar-se a uma varanda no corpo central de um edificio, que de cada lado tivesse um grande torreão saliente. Olhando para o poente descobre-se um quadro pomposo: mui grande porção da cidade está patente entre a raiz destes montes e a dos fronteiros, avulta ao longe para o occidente o zimbório e as duas torres do convento da Estrella, e ainda mais distantes sobre as alturas de Monsanto avistamos os moinhos alinhados no horisonte: immediatamente á direita e á esquerda ficam as ladeiras ingremes, do castello povoada de oliveiras, e do Monte com sua calçada guarnecida de casas; a escapar pelo contorno da primeira, e muito alem dos edificios ao sul, descancam os olhos em pequena parte do Tejo e da terra da *outra-banda*. Para a parte opposta se estende o campo de Santa Anna [apesar da sua elevação, em plano inferior ao nosso] com suas casas nobres, e n'uma extremidade a *praça de madeira* onde o povo aprende a ser feroz vendo *tourrear* os animaes mais uteis aos homens.

Pena é que este adro não offereça em sua pequenez commodidades ao curioso que vem contemplar tão soberbo espectaculo; com os pés sobre um despenhadeiro não temos um muro em que nos debruçemos, porque a desmoronada cortina parallelá ao templo terá apenas tres palmos e meio d'alto, e só poderá servir de encosto a quem de joelhos quizer alli fazer Via-Sacra visitando mentalmente os sanctuarios que com os olhos descobre: não basta que ou o ardor do sol ou as rajadas do vento, aqui sempre impetuoso, amofinem o espectador, ainda em cima ha-de estar contrafeito, quando tão facil e pou-

co dispendioso era altear e guarnecer de assentos o pequeno lanço da muralha. Muito mais sensivel é o incommodo, porque defronte se está vendo o deleitoso passeio de S. Pedro d'Alcantara, donde em frescas tardes e manhaãs amenas se desfructa a scena que temos presente, com a differença de ser gozada de ponto opposto e com diversos accidentes de luz e terreno, ficando então no panno do fundo o convento da Graça, ao pé do qual agora nos achâmos. Bom desconto era já a custosa subida para este cerro e o tristonho aspecto de dois vastos palacios arruinados, um com dezeseite janellas rasgadas no andar nobre da frontaria para a calçada da Graça, e outro com doze para o largo correspondente ao lado meridional da igreja da mesma denominação. Um delles, victima d'um incendio desastroso, pertencia á Ex.<sup>ma</sup> casa dos marquezes de Loulé. Notaremos aqui de passagem que estas e outras casas grandes da nobreza e dos opulentos de Lisboa eram, e são ainda muitos, terrenos de grandes dimensões fechados de grossas muralhas, encerrando amplas salas, infinidade de camaras e officinas, com toda a apparencia da casaria commum, mas sem os caracteres essenciaes do que devemos entender por "*um palacio*", isto é despidos de grandiosos porticos e fachadas com os adornos da architectura e da estatuaria, e de pateos ajardinados onde resplandecessem os primores das artes. Sobeja-nos a cantaria excellente, e com profusão se tem empregado esta riqueza do solo portuguez em obras de construcções antigas e modernas, do que serão testemunha os templos da capital; mas parece-nos que nem sempre foi com pericia e bom gosto convenientemente aproveitada.

Este monte da Graça foi em tempos antigos conhecido pelo termo arabico *Almofala*; nelle edificaram os religiosos eremitas de Sancto Agostinho seu convento e o templo consagrado á Mãe de Deus, sob a invocação de N.<sup>a</sup> S.<sup>ra</sup> da Graça, donde proveio ao sitio a moderna denominação: porem a data da primeira fundação não será muito facil de determinar fixamente, porque o chronista dos eremitas augustianos era interessado em a dar muito remota, muito mais porque disputa preferencias d'antiguidade sobre a erecção e posse dos conventos do Minho aos conegos regrantes do mesmo seu patriarcha, ao que responde na chronica destes o P.<sup>o</sup> D. Nicolau de Sancta Maria. Seja porem o que fôr; visto que a materia não é de grande interesse e podemos a este respeito [como em outros casos identicos] dizer com o auctor do Sanctuario Mariano, tambem eremita da mesma ordem: — "Como as cousas antigas são difficultosas d'averiguar, porque se não acham memorias que as certifiquem, tudo vem a ser fallar e escrever por conjecturas. —" Tom. 1.<sup>o</sup> pag. 25. O certo é que em 1556 o veneravel Fr. Luiz de Montoya reedificou a casa e templo, ficando este, ao dizer dos nossos geographos do seculo passado, uma fabrica vasta e sumptuosa: a sachristia era tambem rica de mão d'obra, de paramentos e adornos: porem tudo, menos a torre dos sinos, lastimosamente derrubou o terremoto de 1755. Reconstruiu-se depois e permanece a igreja, onde ora estão reunidas as parochias de S.<sup>to</sup> André e S.<sup>ta</sup> Marinha, que é nomeada em Lisboa e muito frequentada pela grandeza e acieio, pela alegria que infunde recebendo muita copia de luz, mas principalmente pela sagrada imagem do Senhor dos Passos, veneranda e de muito respeito, que em todas as Sextas feiras do anno está patente á devoção do numeroso concurso dos fieis. Escreveu Balbi sem fundamento [e houve quem repetisse o mesmo em escriptos portuguezes] que o tumulo do invencivel Affonso d'Albuquerque estava

colocado na sacristia da Graça; mas, não é assim, porque o mausoleu tem uma inscrição (1), por onde se vê que repousam allí as cinzas de Mendo de Foios Pereira, secretario de estado delrei D. Pedro 2.<sup>o</sup>, que foi bemfeitor da casa contribuindo com sua preciosa baixella para se fazerem os vasos sagrados e relicarios (2); e o retrato do mesmo sobranceiro ao tumulo se adornava com os vestidos e insignias da magistratura, que por certo não competiam ao inclito guerreiro. Os restos mortaes de Albuquerque estiveram depositados na capella-mór deste convento, donde foram trasladados para o jazigo commum da sua familia, na casa do capitulo no claustro grande, sem nenhuma distincção tributada ao valoroso heroe da India portugueza, que neste desprezo teve igual fado ao de muitos varões insignes, a quem a patria não erigiu monumentos, levantando-os por ventura á opulencia e á vaidade.

No tecto da capella-mór ha um quadro da apparição de Jesu Christo a St.<sup>o</sup> Agostinho, e os quatro evangelistas; obra tudo do fecundo artifice Pedro Alexandrino, que pintou com facilidade, gosto, e viveza de colorido para quasi todas as igrejas modernas de Lisboa: do mesmo são os dez paineis aos lados da capella-mór, allusivos á vida daquelle eximio doutor da igreja. No retábolo ha quatro columnas, cujos soccos assentam quasi no pavimento, são de marmore vermelho e de grande altura; não gostamos, ainda que pareçam bem a alguém, dos ridiculos ornatinhos ao terço d'altura das columnas. — Na portaria do convento deixou o insigne Vieira, chamado o *lusitano* para se distinguir d'outro Vieira o *portuense*, tambem grande pintor, um excellentes painel de St.<sup>o</sup> Agostinho. — Esta igreja possui a cana d'um braço do glorioso Martyr S. Vicente, que por estar em relicario de páu escapou á rapina dos francezes invasores em 1808; é a unica reliquia notavel que existe do mesmo Santo depois que houve um incendio na Basilica de Santa Maria ou Sé, que reduziu a cinzas o tumulo e cofre onde estava o corpo.

A igreja da Senhora do Monte de que ha pouco fallámos, foi edificada em 1243; possuiram-na tambem os eremitas agustinianos, sendo o segundo convento que tiveram em Lisboa com o titulo de Eremiterio de S. Gens: este St.<sup>o</sup>, segundo a opinião de D. Rodrigo da Cunha, foi bispo desta cidade, e a cadeira que allí se mostra dizem ser a mesma onde o veneravel prelado se sentava para prégar ao povo. Cahiu totalmente pelo terremoto: a igreja que existe é portanto posterior á catastrophe. O adro é sombreado por arvores; aqui está o viajante mais á vontade desfructando uma formosa perspectiva.

Ao sahir do largo da Graça, caminho do norte, encontra-se para a direita o quartel da «Cruz dos quatro caminhos» em rasão de quatro que neste sitio se cruzam; deste mesmo lado por onde os vãos das casas deixam estender a vista se descobre o Tejo, que discorrendo do sul e pelo nascente vai circulando por esta parte os arrabaldes da cidade. Quem chega ao adro da Penha, para onde guia a estrada, que seguimos, olhando para o nascente acha-se n'um ponto quasi central em relação ao semi-circulo que o Tejo vai descrevendo.

Aqui encontrámos outro convento que foi de religiosos agostinhos, sobre um monte, á feição de promontorio, dos mais altos da cidade, e que antigamente se chamava *Cabeça d'Alperche*. Se pela parte de traz, isto é do poente, do edificio, ou das suas

janellas estendemos a vista goza-se o conspecto de bellissima paizagem: na raiz do cabeço elevado as bem cultivadas hortas d'Arroios; a sumir-se pelo valle, que já mencionámos, a cidade, e muita della quasi na nossa frente; para o septentrião e nordeste courellas de terras lavradas, vinhedos, e casas campestres; o horizonte limitado por serras a muita distancia; a fita azulada das aguas d'um rio caudal; eis o que da coroa desta eminencia se descortina com suave recreio dos olhos, e completa satisfação do coração portuguez. Observe-se que toda esta paizagem é aformoseada pela perenne verdura das oliveiras. Esta arvore,

. . . . . que em partilha

A utilidade tem, e a excelsa gloria

De ornar a mão da paz nos céus nascida, [3]

é a mais commum nos arrabaldes de Lisboa, e nos suburbios a leste e ao norte muito mais que nos outros.

A esta igreja vem cirios de varias povoações em diversos tempos do anno festejar N. Sr.<sup>a</sup> da Penha de França, e concorrem navegantes, livres de naufragios, a depositar, como votivas offerendas, traquetes, mastaréis, e outros signaes da salvagão de seus navios, fazendas e vidas. Com o fatal terremoto se arrazou o templo, mas foi logo reedificado sob os regios auspicios e com auxilio de D. Pedro, 2.<sup>o</sup> marquez de Marialva, dos mareantes e de outros devotos; o que se lê commemorado n'uma inscrição latina em lapida quadrangular, posta na balaustrada fronteira á rua e arco principal da entrada, e com a data de 1758; donde se collige quão prompta foi a reparação.

Já em 1597 havia neste logar um templo dedicado á Senhora, mas só em 1603 começaram os religiosos com esmolos e doações o seu convento. Um quadro de azulejos com formosa moldura dos mesmos e cores ainda hoje mui vivas, incrustado na parede do altar-mór do lado de fóra por debaixo de uma fresta orbicular, consigna a tradição da apparição da Santa Imagem que na igreja se venera; e do mesmo modo o simulacro d'um disforme e grandissimo lagarto, semelhante ao jacaré, que se conserva na sacristia. Diz a tradição que um peregrino, buscando a devota imagem neste cabeço, fatigado se deitára a dormir e que então aquelle monstro horrivel da classe dos reptis estava prestes a devora-lo, quando a St.<sup>a</sup> Virgem, apparecendo cercada d'uma auréola ou gloria no pincaro do monte, acordára e advertira o seu devoto, libertando-o de tão imminente perigo: o medonho animal foi morto, e erigiu-se um templo para memoria do successo. Eis o que representa o painel de azulejos, a que nos referimos e que nos causou admiração pelo bem conservado, jazendo, ainda que pouco antigo seja, exposto á acção da humidade e de ventos destruidores. Quanto ao lagarto da Penha lá está de bocca aberta, convidando os curiosos para tambem a abrirem de pasmaceira, quando se dignarem fazer-lhe visita.

#### Á CERCA DOS VERDADEIROS PRASERES.

OS DIVERTIMENTOS no mundo são tão numerosos como os vicios, e os verdadeiros praseres tão raros como as virtudes que nelle se praticam. A causa disto provem de ser o homem um ente não só corporeo mas tambem espiritual que contem em si algumas particulas da divindade, porque a um tempo lança

(3) Sr. Mosinho d'Albuquerque. *Georgicas Port. Cant.* 3.<sup>o</sup>

(1) Esta inscrição, composta de dois distichos latinos, e com a data de 1707, transcreveu o Sr. Conego Villela nas suas Observações criticas á estatística de Balbi-

(2) Vide o P.<sup>o</sup> Castro. *Mapp.* Tom. 3.<sup>o</sup> pag. *mih* 221.

os olhos sobre o passado, presente e futuro occupando-se constantemente em comparar idéas. Para que um objecto nos dê verdadeiro praser é mister que seja superior a tudo quanto temos experimentado — igual á nossa expectativa, e que, ao menos apparentemente, não produza ruins consequencias. Encontram-se acaso estes predicados na maior parte dos divertimentos do mundo? Não; e até muitas vezes não se acharão, depois de maduro exame, na conversação genial, no vinho, na musica, e nos passatempos em que brilha o esplendor e luxo. Tudo isto, é certo, que pode contribuir para deleitar-nos, mas taes diversões não são capazes por si só de nos dar completo praser.

O sabio platonico despresando inteiramente estas distracções vai procurar o verdadeiro prazer na escola da antiguidade: — segue-a em todas as scenas da poesia antiga; consulta os philosophos de remotas eras; senta-se com Platão ao abrigo da sombra. Finalmente, depois de profundas e laboriosas investigações conhece o sabio que esperou mais da sciencia do que ella tinha para dar-lhe, e que é tão difficil encontrar a ventura na abundancia de conhecimentos, como a sabedoria no diluvio de palavras. Também acha e vê que tendo gasto os seus dias nas vigílias do estudo apenas conseguiu ser noviço nas sciencias, pois lhe ficaram por explorar vastissimos campos de sabedoria. Convence-se então de que lhe resta só abandonar os seus projectos, ou finir-se antes de realisá-los.

Os homens consideram a felicidade tão diversamente, como diverso é o seu pensar: de outro modo se todos se encaminhassem ao mesmo ponto, não haveria no mundo quem se reputasse venturoso. A variedade de inclinações, dispõe os espiritos para a variedade dos divertimentos. O homem cujo coração abunda em pura e ingenua piedade, e que considera como deve o pai da natureza, não pode deixar de saborear o mais sublime dos praseres quando contempla os estupendos e innumeraveis effeitos da bondade infinita. Se olha para o mundo natural e moral, quão delectaveis devem ainda ser as suas reflexões! É então que a propria convicção do seu demerito, longe d'encurtar-lhe, lhe augmenta o praser, porque acha na indulgencia e tolerancia do Creador ainda mais provas da sua grandesa. Nesta contemplação o espirito do homem fixa-se no presente, lembra-se do passado, e investiga o futuro com uma satisfação, que se eleva até onde sobe o seu espirito. Tal é a base em que, segundo nos parece, pode assentar o edificio do verdadeiro praser.

A veneração ao supremo ser, e o amor do proximo são fontes inexhauriveis de praser; e perennes mananciaes para os que seguem estes principios e que assim captam a benevolencia da Divindade. Os mesmos principios fazem superior em fortuna, sabedoria, e poder o homem que lhes obedece, em relação ao que os despresa e rejeita. Verdade é que poucos homens possuem no mundo o poder e fortuna necessaria para acudir ás precisões da vida, e praticar actos de louvavel benevolencia; porem tudo isso suppre, em quanto aos nossos deveres para com Deus, o espirito e desejo de praticar o bem, que sendo qualidades que todos podem alcançar agradam summamente ao Creador. O bondoso pai da natureza não aprecia só a grandesa do effeito, tem em muita conta a grandesa da causa ou intenção. A contemplação das bellas do universo — o goso da amisade cordeal — o deleite do amor filial e materno — e os suaves praseres da religião, são cousas ao alcance de quasi todos, e as unicas que contem em si germens de verdadeira felicidade. Eis, em quanto a nós as fontes

de todo o bem. Não nos admirará ouvir dizer a alguem que ainda não pôde encontra-lo, exclamando: — Quem nos mostra um só desses bens? Os que assim se expressam talvez os tenham procurado mas não de certo em a verdadeira fonte: — precisa-se para encontra-los de um coração devoto, humano, e propenso á amisade; e alem disso carece-se conhecer e apreciar o que é bello e admiravel.

*Memorias do Buçaco por A. P. Forjaz de Sampaio. — Parte 2.<sup>a</sup> — Coimbra 1839.* — Quando em 1838 sahiu á luz a primeira parte desta obra picturesca e interessante, logo nas columnas deste Jornal a denunciámos aos leitores, por ser um escripto de tal novidade e merecimento entre a multidão d'impresos que em Portugal agora se publicam, que o deixa-la no esquecimento seria uma especie de injustiça litteraria.

A 2.<sup>a</sup> parte nada desmente da primeira: a par das icasticas descripções com que o Sr. Forjaz em sua prosa nos pinta ora a magestade, ora as formosuras do deserto do Buçaco, lemos com subido grau de prazer o cantico = *Amor e Religião* = em que o Sr. Serpa Pinto desenvolve o seu grande talento poetico sob as fórmulas de mui amena e variada metrificação. Esta obra, hoje completa, é uma lição delectosa para as horas serenas da vida: por nossa parte confessámos que com ella nos recreámos dando folga ao espirito e alivio ao coração no meio de quotidianos e aridos trabalhos.

*O mez Napoleão.* — Napoleão que não ignorava ser o dinheiro o nervo da guerra; que alem disso possuia o dote de saber ser prodigo a tempo, e a economia que habilita para a generosidade, concedia annualmente, como especie de gratificação, paga pela caixa de reserva, ou pelos rendimentos extraordinarios do proprio bolsinho, a importancia d'um mez decimo terceiro de soldo á guarda imperial. A este mez supranumerario chamavam os soldados com engenhoso reconhecimento *o mez Napoleão*.

QUANDO Francisco 1.<sup>o</sup> de França quiz entrar por Italia com mão armada chamou os seus a conselho, e desencontrando-se muito as opiniões, lhe disse um bobo muito seu valido: «senhor, estes conselheiros de V. M. parecem-me uns tontos: tudo é contender sobre o sitio por onde entrareis na Italia, mas ninguém vos lembra o como e por onde haveis de sair.» O caso é que o bobo teve alguma razão, porque Francisco 1.<sup>o</sup> perdendo a batalha de Pavia cahiu prisioneiro do imperador Carlos 5.<sup>o</sup>

PEDIA um creado a elrei D. João 3.<sup>o</sup> uma mercê; mas elrei, antes de lhe deferir, um tanto desconfiado por lhe constar que o requerente mudára de appellido, perguntou-lhe porque razão se chamava F. Lobo, nomeando-se seu pai e irmãos F.F. de Matos. O creado, que percebeu a malicia da pergunta, respondeu promptamente: Pois, senhor, não queria V. Alteza que de tantos matos sahisse um lobo.

PERGUNTANDO um fidalgo castelhano, pouco discreto, a Panasco, que casta d'homem era Affonso d'Albuquerque, respondeu o gracioso: — É um homem que vos saberá comprar, mas não vos saberá vender.